

Chamado ao sacrifício: a representação dos trabalhadores da saúde na série “Pandemia”

Rafael Fermino Beverari¹

Resumo: Este artigo consiste na análise de como os trabalhadores da saúde são representados na série “Pandemia” produzida pelo Netflix. Reconhecido como um dos produtos audiovisuais mais vistos por esta plataforma nos primeiros meses de 2020, pretende-se discutir, senão a realidade mundial, ao menos como ocorre tal reprodução mediada pelas lentes das filmadoras diante deste contexto pandêmico. Assim, o gesto, o ruído, o silêncio, o deslocamento da câmera, o exercício de montagem e a aplicação da narração se relacionam mediante uma mobilização e instrumentalização das emoções humanas. Com um diálogo entre sociologia e audiovisual, o presente texto propõe discutir as possibilidades de uma série na compreensão de distintas visões de mundo.

Palavras-chave: Sociologia. Cinema. Trabalho. Saúde.

Call to sacrifice: the representation of health workers in the “Pandemic” series

Abstract: This article consists of an analysis of how health workers are represented in the “Pandemic” - serie produced by Netflix. Recognized as one of the most seen audiovisual products by this platform in the first months of 2020, it intends to discuss, if not the world reality, at least how such reproduction mediated by the lenses of the camcorders occurs in this pandemic context. Thus, gesture, noise, silence, camera displacement, the exercise of editing and the application of narration are related through the mobilization and instrumentalization of human emotions. With a dialogue between sociology and audiovisual, this text proposes to discuss the possibilities of a series in understanding different world views.

Keywords: Sociology. Cinema. Work. Health.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: rfbeverari@gmail.com

Llamado al sacrificio: la representación de los trabajadores de la salud en la serie “Pandemia”

Resumen: Este artículo es una análise de cómo están representados los trabajadores de la salud en la serie “Pandemia” producida por Netflix. Reconocido como uno de los productos audiovisuales más vistos por esta plataforma en los primeros meses de 2020, el objetivo es discutir, si no la realidad mundial, al menos cómo se produce esa reproducción mediada por las lentes de las cámaras de vídeo en este contexto pandémico. Así, el gesto, el ruido, el silencio, el desplazamiento de la cámara, el ejercicio de edición y la aplicación de la narración se relacionan a través de una movilización e instrumentalización de las emociones humanas. Con un diálogo entre la sociología y el audiovisual, este texto propone discutir las posibilidades de una serie en la comprensión de diferentes visiones del mundo.

Palabras clave: Sociología. Cine. Trabajo. Salud.

Introdução

Em tempos pandêmicos, a perseverança, o temor e a angústia transcorrem por distintos meios a coletividade que nos cerca. A disseminação de informações sucede com uma velocidade de alguns milésimos de segundos pelos celulares, televisores, computadores e demais meios de comunicação. Os vídeos não cessam de mostrar, por exemplo, os leitos hospitalares repletos de pessoas, os depoimentos de familiares que sofrem com o anúncio da morte de um ente ou mesmo as apavorantes centenas de covas abertas que aguardam seus próximos residentes (Cf. SÁ; SILVA; VELOSO, 2020). A circulação de material audiovisual realizado por diferentes pessoas parece tecer um mosaico repleto de possíveis problematizações sobre o nosso cotidiano em um momento cujas relações sociais encontram-se em profundas transformações ao explicitar as desigualdades existentes.

Neste sentido, o presente texto busca realizar uma reflexão sobre a série *Pandemia*, lançada pela provedora de *streaming* Netflix em janeiro de 2020 e apresentada “entre as produções mais populares do ranking divulgado pela plataforma” (CARNEIRO, 2020). Com as incertezas que acompanham a disseminação do Covid-19 pelo mundo, esta obra documental, auferida por

contornos premonitórios por parte da recepção, acompanha a guerra contra a propagação de diferentes vírus por meio de alguns personagens que percorrem seus 6 episódios. Analisado como um objeto cultural, este documentário difunde e produz representações sociais. Logo, frame por frame, as palavras, os gestos, os ambientes, as músicas e os demais ruídos contribuem na estruturação dos modos de pensar e agir coletivamente. Para tal, algumas questões podem suscitar uma reflexão sobre esta série, finalizada em 2019, e o surto do referido Covid-19 que assola o mundo atual: como o combate a uma pandemia é representado nesta obra? Qual a recepção desta série frente à propagação do Covid-19? Como a concepção do trabalhador da área da saúde é construído no decorrer dos episódios? Quais os efeitos deste trabalho na subjetividade dos assalariados representados?

A problemática da questão do trabalho parece transpassar os profissionais das ciências e da saúde representados no decorrer do seriado. Desta forma, busca-se examinar o conteúdo exibido dentro de seu contexto político, econômico e social. Logo, este produto audiovisual se apresenta como um material passível de questionamentos sobre o modo como parte da sociedade concebe e estabelece determinadas relações sociais. Assim, nesta constante disputa de dominação ideológica, a

classe dominante, para dominar, não pode nunca apresentar a sua ideologia como sendo sua a ideologia, mas ela deve lutar para que esta ideologia seja sempre entendida como a verdade. Donde a necessidade de apresentar o cinema como sendo expressão do real e disfarçar constantemente que ele é artifício, manipulação, interpretação. (BERNARDET, 1980, p. 10)

Para tal, realiza-se uma pesquisa que contempla o cruzamento de dados de fontes jornalísticas e o material audiovisual de modo que a recepção e o conteúdo fílmico dialoguem com um presente permeado de incertezas. O exame da série ocorreu baseado no método comparativo a fim de ressaltar as semelhanças

e diferenças ocorridas em cada cena nos distintos personagens, permitindo uma análise transversal do material abordado.

Neste cenário pautado por “relações de poder permeadas por mecanismos de dominação escondidos sob a linguagem” (CAPPELLE, 2003), a análise de conteúdo “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44) que se dispõe como uma “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (*Id. Ibid*).

Desta forma, o processo de investigação que resulta na elaboração deste artigo compreende uma primeira etapa que constitui da escolha dos documentos analisados (referenciais teóricos e metodológicos, matérias de revistas, jornais e websites, além do material audiovisual da série analisada). Após a constituição do *corpus*, busca-se classificar o material coletado mediante três categorias de observação que surgem repetidas vezes no decorrer da série: a religião, a família e o trabalho. A insistência no trato de tais temáticas aponta para um argumento que percorre o documento investigado. Por fim, este artigo procura realizar uma discussão com os resultados alcançados após a interpretação dos dados obtidos no cruzamento do conteúdo audiovisual e sua recepção por parte da mídia mundial.

Logo, o posicionamento e o deslocamento da câmera, o processo de montagem, os ruídos, a voz *over* da narração e os diálogos entre os personagens são importantes elementos na construção desta série documental que busca exibir o cotidiano de diversos profissionais da saúde. Enfermeiros, médicos, cientistas e representantes de organizações privadas e públicas desta área discutem, ao longo dos episódios, os desafios no combate aos surtos de vírus e bactérias que se espalham pelo mundo. Com momentos que oscilam entre o cotidiano dos hospitais e os diálogos sobre a situação do financiamento global nesta área, os personagens representados parecem travar uma luta do bem (trabalhadores da área da saúde no combate às pandemias) contra o mal (condições

de trabalho precárias, falta de investimento público e negacionistas pandêmicos). Todavia, o lançamento desta série em janeiro de 2020 ganha contornos premonitórios diante de um cenário de expansão do Covid-19 pelo mundo de modo que a temática retratada nesta produção audiovisual se torna um debate global em tempos de pandemia.

A angústia e a perseverança - Fé

Ainda nos primeiros segundos da série, a câmera percorre um local onde pessoas que morreram com a gripe espanhola foram enterradas. A busca pela comoção ao espectador não se sustenta somente com a lembrança de um sofrimento do passado. Uma voz *over* alerta que “quando falamos de outra pandemia de gripe, não é uma questão de se, mas de quando”². Desde então, o medo da morte é algo que acompanha os personagens durante o restante da série. Assim, “em momentos com ares apocalípticos, as religiões são interpeladas a orientar seus adeptos e dar sentido à possibilidade de morte coletiva” (ALMEIDA; GUERREIRO, 2021).

Se o tema da morte busca criar um clima de tensão no espectador, a salvação também faz parte deste drama. A religião aparece de modo mais ou menos intensa na vida dos personagens, como por exemplo na Dra. Holly Goracke. Apresentada como a única médica do Hospital do Condado de Jefferson, Oklahoma, sua primeira imagem no documentário é um plano fechado em sua tatuagem “Psalm 1:1”. Após a confissão de que não saberia lidar com uma pandemia, uma vez que seu local de trabalho não tem os recursos dos grandes centros de saúde, esta profissional aponta que seu ofício de médica é um “chamado” divino. A bíblia e as palavras de louvor se intercalam quando relata as dificuldades de completar seu turno de 72 horas. Após voltar para casa depois da extenuante jornada, seu tempo junto ao marido é repleto de orações com amigos sentados ao redor de uma mesa.

² A referência desta e as demais citações correspondentes à série analisada pode ser encontrada em “Filmografia”.

Outros personagens também expressam suas crenças religiosas, como é o caso da Dra. Syra Maddad. Apresentada como responsável por preparar os hospitais municipais de Nova York contra surtos de doenças infecciosas, surge, em sua primeira cena, coordenando um exercício de simulação de atendimento de enfermidades altamente contagiosas. Todo o momento de crise, evidenciado pelos sons de sirenes e a apreensão na fisionomia dos profissionais de saúde, é deixado de lado quando esta médica, de dentro do carro, afirma que, apesar de muito ocupada, tenta ir ao centro islâmico toda semana. Os barulhos das pessoas em treinamento são substituídos pelo silêncio do interior do local de oração.

Outro momento emblemático é quando Susan Flis, enfermeira aposentada, responsável pela vacinação de imigrantes na fronteira dos Estados Unidos e México, informa que seria seu último dia de trabalho durante aquela temporada. O choro ao se despedir dos imigrantes cede espaço a uma cena cuja câmera registra um crucifixo e, com um movimento vertical, capta algumas pessoas dormindo no chão. A associação de distintas religiões em personagens centrais no combate à pandemia não cessa.

Na Índia, o Dr. Dinesh Vijay afirma que não sai de casa sem rezar. As imagens que retratam este país são sempre associadas a uma multidão que perambula pelas ruas, em contraste com os prédios espelhados e as largas ruas vazias de vários lugares dos Estados Unidos. Por fim, este médico é reconhecido como uma “encarnação de Deus”, segundo o depoimento de um dos filhos de um paciente que conseguiu sair do hospital vivo após mais de 20 dias de internação.

Se, por um lado a religião é vista como um meio de acúmulo de forças individuais para a continuidade de seus trabalhos, no Congo, o Dr. Michel Yao, encarregado da Organização Mundial da Saúde (OMS) para conter o surto de Ebola neste país, assiste a um culto sem se manifestar. O pastor começa a explicar o perigo de se negligenciar a existência do vírus e abre espaço para que a equipe da OMS cite a importância da vacinação. A utilização de uma liderança religiosa para a conscientização da prevenção

ocorre, neste caso, em dado contexto epidêmico. A crença, até então associada a práticas individuais na luta contra o vírus, surge como um modo de agir coletivo de maneira que “a ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para este mundo. As ações religiosa ou magicamente exigidas devem ser realizadas “para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da Terra”” (WEBER, 2009, p. 281).

A intrínseca relação entre a crença religiosa e a construção desses personagens são estabelecidas de modo que suas atividades profissionais são evocadas como um “chamado” divino na busca de reconhecimento social por meio de uma “encarnação de Deus”. Porém, como visto no último exemplo, se a religião implica na construção de uma conduta de seus fiéis, cabe a reflexão sobre as possibilidades que esta possui no emaranhado de relações políticas e econômicas de cada nação.

Se o objetivo último da religião é a salvação, compete indagar os meios implicados para a obtenção de tal fim, e ainda, compreender o sentido que orienta tais ações nos personagens. Diante desse processo de legitimação da condução de determinados modos de vida representados nas cenas, a noção de vocação dos trabalhadores exibida na série, evoca a “aquilo que o ser humano tem de aceitar como desígnio divino, ao qual tem de “se dobrar” — essa nuance eclipsa a outra ideia também presente de que o trabalho profissional seria uma missão, ou melhor, a missão dada por Deus” (WEBER, 2014, p. 125).

Todavia, as relações profissionais analisadas estão diante de um contexto pautado por uma produção audiovisual. Sobre a construção fílmica do seriado, cabe destacar que esta representação do real “revela o mundo não evidentemente como ele é, mas como foi recortado, compreendido em uma época específica” (SORLIN, 1992, p. 28, tradução nossa) de acordo com a configuração das forças sociais de determinado momento histórico que a concebem. Apesar das dificuldades encontradas em seus cotidianos, a procura religiosa dos profissionais da saúde representados na série fornece evidências de como determinada parte dessa categoria enfrenta

o sofrimento no trabalho. Sentimento este resultante de uma organização laboral pautada pela divisão do trabalho, sistema hierárquico, relações de poder, condições precárias para a execução de suas atividades, etc. (Cf. DEJOURS, 1988). Assim, a busca pela fé e o papel da religião na sociedade são temas que acompanham os personagens que, permeados por angústia, perseveram na busca de seus objetivos.

O amor e o temor - Família

Ainda no pequeno condado de Jefferson, a Dra. Holly executa seu trajeto entre a igreja e sua casa. As imagens de louvor são substituídas por uma conversa com seus dois filhos e o impacto da ausência materna em suas vidas. Enquanto um diz que compreende o distanciamento, sua filha demonstra certa inquietação frente a essa situação, uma vez que relata que teve que cumprir o papel de mãe e irmã durante este período do afastamento materno. A ideia de perda é novamente salientada pela médica ao relatar que “sacrificamos todos os dias alguma coisa para sermos médicos”. A expropriação do tempo no mundo contemporâneo ocorre cada vez mais intensificado diante de um cenário cujas relações de produção se expandem por diversos âmbitos da vida.

Após a aparição da imagem de um Cristo crucificado e o depoimento de Holly, é a vez do Dr. Michel relatar que “isso é um sacrifício”. Neste momento, ocorre uma chamada de vídeo entre ele e sua família. Desta forma, o sacrifício encontra-se relacionado à sua distância com seus entes. Distanciamento, este, resultado de sua escolha profissional.

Sobre este ponto, ressalta-se a trajetória do Dr. Ghazi Kaialy e seu cotidiano enquanto responsável pela monitoria de animais no Oriente Médio. Residente no Egito, mas em um trabalho que exige mobilidade, sua esposa alerta que sua filha sempre pergunta pelo pai, uma vez que ele passa semanas fora de casa trabalhando no monitoramento do vírus. Quando um grupo de amigos vai visitá-lo, a conversa na mesa gira entorno das preocupações referentes às possíveis disseminações de uma nova ameaça.

O ambiente se transforma mediante os planos fechados que demonstram a preocupação nos olhares dos médicos. Sua filha já não senta mais em seu colo e a comida fica em segundo plano diante da situação colocada. O temor acompanha o restante da conversa até que o médico relata sua preocupação com a disseminação da gripe aviária. Ao relatar o medo que possui, caso o vírus atinja toda a comunidade e, conseqüentemente, chegue em sua família, este profissional toca em um ponto que perdura durante o restante da série. Tal cena demonstra como uma pandemia poderia afligir não somente sociedades longínquas, mas também as relações mais próximas dos indivíduos. Neste sentido, a utilização da família na série parte como uma importante instituição para a percepção que envolve o carinho, amor, cuidado, etc.

Em determinado momento, o documentário aborda, nos Estados Unidos, uma disputa envolvendo o movimento antivacina e a senadora Elizabeth Steiner Hayward, uma das defensoras da lei 3.063 que obrigaria as crianças a se vacinarem antes de frequentarem as escolas. Caylan Wagar, uma das lideranças da campanha antivacinação, é apresentada diante de sua espaçosa residência. Seu discurso cita a liberdade das mães de criarem seus filhos sem a obrigatoriedade da inserção de “substâncias tóxicas” em seus corpos. Em uma audiência pública sobre a implementação da lei, algumas mães contrárias à vacinação de suas crianças são exibidas apresentando argumentos, segundo a senadora que também é médica, “sem validação científica”. Deste modo, as pessoas contrárias à obrigatoriedade da vacinação são representadas como militantes de uma causa avessa aos vários personagens construídos que se “sacrificam” diariamente em busca da contenção de uma pandemia.

Enquanto as crianças brincam no parque e suas mães comemoram o arquivamento da lei, é possível observar, nas cenas posteriores, os filhos de imigrantes felizes ao serem vacinados no centro de acolhida de refugiados na fronteira dos Estados Unidos. Essa relação entre os pobres que buscam a imunização e os ricos que defendem a liberdade de decidirem sobre seus corpos é fomentada ainda por um noticiário televisivo que relata o

sofrimento de uma família que perdeu o filho pela gripe que contraiu, segundo a série, no centro de detenção de imigrantes.

Segundo Truffaut (2005, p. 36), “para o espectador adulto, a ideia de infância está ligada à ideia de pureza e, sobretudo, de inocência; rindo e chorando diante do espetáculo da infância, o adulto, na realidade, se enternece consigo mesmo, não com sua ‘inocência’ perdida”. É sob o aspecto desta sensibilização que as crianças surgem no interior dos filmes seja brincando ou lamentando a ausência de seus pais.

Assim, o amor pela família e o temor de sua perda, especialmente as crianças, acompanha a narrativa durante todos os episódios. Os desafios e dificuldades encontrados pelos profissionais da saúde parecem ultrapassar o sofrimento destes em relação ao distanciamento dos laços familiares que a profissão exige de modo que nem a saudade surge como um empecilho para a realização de seus fins - salvação da humanidade.

A busca pelo sucesso - Trabalho

No entanto, o trabalho irrompe como um tema que perpassa as cenas de cunho religioso ou familiar. Por entre as dificuldades encontradas no cotidiano, a construção dos personagens na série também demanda de momentos de angústia e busca pelo sucesso profissional. As particularidades do trabalho na área da saúde em cientistas, enfermeiros e médicos transcorrem todos os domínios da vida humana nesse jogo de representação, de modo que a perseverança ocasionada pela fé e o temor pela perda da família estão relacionadas às suas atividades profissionais.

Deste modo, além do sofrimento ocasionado pelos obstáculos já mencionados, adicionam-se as angústias de trabalhar sobre condições incertas. É o caso do Dr. Michel que, ao enfrentar o Ebola no Congo, se depara com ataques de uma milícia ao centro de vacinação. Por meio de carros blindados, esses distúrbios decorrentes de parte da população somam-se com a precariedade de equipamentos de proteção individual (EPI) e o risco de infecção dos demais profissionais da saúde. Enquanto este médico

inspeciona os EPIs, uma cartela anuncia que de 2014 a 2016, mais de 300 trabalhadores da saúde morreram infectados. A cena termina com a imagem de uma chuva torrencial que cai diante do solo. Diante dessas adversidades, surge um resoluto personagem que, antes de sua viagem para Butempo, uma região considerada arriscada, afirma: “Minha equipe corre muitos riscos num lugar perigoso. Tenho que estar lá com eles”. A consolidação do exercício de liderança é algo presente no restante do elenco na procura de um animal transmissor, diante dos pacientes ou na frente da uma equipe médica.

Porém, a liderança às vezes esbarra em problemas estruturais. A série relata uma rápida fala do Dr. Raman Sharma referindo-se a um hospital público indiano em que “os médicos são bons, mas os recursos limitados”. As imagens de superlotação dos leitos hospitalares completam a tela. Ainda sobre esse assunto, o Dr. Dinesh explica o motivo do porquê encontram um maior número de casos de gripe suína nas áreas mais pobres, uma vez que estes “não conseguem lutar contra ela por causa da superlotação, falta de higiene, de recursos e desnutrição”. Além disso, a residente médica Anupriya Aggarwal pontua outro aspecto fundamental no tocante das desigualdades sociais e o combate à pandemia: “Se pararem de trabalhar, como vão sustentar a família? Elas saem e acabam espalhando a doença ainda mais”.

Para além da fé e dos problemas familiares, Dra. Holly encontra um problema que é a própria manutenção do hospital em que trabalha. Com uma dívida de US\$ 2,2 milhões e sem recursos, este centro de saúde depende da permanência do imposto sobre vendas do Condado para continuar a existir. Um *travelling*³ realizado pela câmera registra as casas do vilarejo enquanto o *Sheriff* Jeremie Wilson explica que essa comunidade agrária não é muito rica e possui necessidade em diferentes frentes. Com 664 votos a favor da continuidade do imposto destinado à manutenção do hospital contra 45, o hospital persiste com as portas abertas. Apesar disso, a médica faz um apontamento que extrapola a

³ Movimento transversal de câmera em que esta move-se pelo espaço.

manutenção deste local, uma vez que coloca em evidência, diante de uma possível pandemia, a questão da existência de pais que podem se licenciar para cuidar de seus filhos e outros que não - ocasionando um aumento do desemprego. Esta observação destaca um problema presente em toda a estrutura da sociedade de maneira que as desigualdades sociais são evidenciadas entre aqueles que possuem acesso aos meios básicos de sobrevivência e os demais que vivem a angústia da incerteza do porvir.

Ainda sobre o financiamento na área da saúde, a Dra. Syra Madad, por entre os prédios de Nova York, faz uma crítica ao possível corte orçamentário do então presidente estadunidense Donald Trump em 20% no controle de doenças. Neste sentido, a médica resolve se articular com os demais poderes e, caminhando em direção ao gabinete do senador Gustavo Rivera, alerta que “encontrar verba para fazer este trabalho é parte dele”. Esta mesma personagem, que busca reforçar sua espiritualidade no centro islâmico toda semana, afirma que “trabalhar nesse ambiente de alto risco é incrível”. O colete da simulação do combate às doenças infecciosas são substituídos pelo blazer que a acompanha em Washington. Desta vez, como uma mulher de negócios, divulga para pessoas como o ex-senador Tom Daschle, o diretor de projetos Jim Blumenstock e o coordenador de controle do Ebola Ron Klain, a intenção de criar um novo centro de saúde global. Na ocasião, a sirene do treinamento cede lugar a sua voz que explica a necessidade de investimento nessa área, aproveitando para convidá-los ao grupo consultivo de seu futuro investimento.

Outro case de sucesso que percorre a série do primeiro ao último episódio é o de Jake Glanville (proprietário da Distributed Bio) e Sarah Ives (cientista da Distributed Bio). Trata-se de uma empresa situada em São Francisco que busca a criação de uma vacina universal contra a gripe. Devido a limitação de verba, solicitam um pedido de investimento à Fundação Bill e Melinda Gates. A angústia, que outrora circundava uma moradora de Oklahoma, desempregada ao ter que ficar em casa para cuidar de sua filha, se transforma em uma angústia - vivenciada por Jake e Sarah - pela espera de resposta da renomada instituição.

Com cabelo ao vento pelas ruas estadunidenses do alto de seu skate, Jake comenta sua trajetória de sucesso repleta de riscos e ambições. Após algumas promoções na empresa multinacional alemã *Pfizer*, decide deixar tudo para trás e montar uma startup para buscar, segundo o próprio, uma independência da indústria farmacêutica que não lida com investimentos de alto risco. Em mais de uma ocasião ele cita a necessidade desta vacina atender todas as pessoas, inclusive “as mais necessitadas” ou também chamadas de “pessoas do terceiro mundo”.

Uma breve biografia de Sarah, quase sempre presente com Jake, auxilia na construção de uma personagem desbravadora e que sempre gostou de “estar no palco”, encontrando nas Ciências essa possibilidade. Por outro lado, Jake é filho de pais hippies que se “exilaram” na Guatemala. Neste país, construíram um hotel e um restaurante. Enquanto pai e filho fumam charutos, relembram momentos da infância deste príncipe cientista/empreendedor. Como a pesquisa em porcos na Guatemala seria mais barato do que nos Estados Unidos, a *Distributed Bio* iniciou seus testes naquele país. Os porcos devidamente tratados para o teste se contrapõem aos suínos que percorrem as ruas do que se indica como Índia. Se, por um lado as médicas caminham pelas estreitas ruas deste país em busca de contaminados, por outro, marcham os cientistas entre os corredores de Washington e Fundações em busca de financiamento para pesquisa e formação.

Esta divisão no interior dos profissionais da saúde desemboca, ao longo da série, na observação de como determinadas emoções são mobilizadas na criação dos papéis. Estas são manifestadas na esfera social e, segundo o seriado, capazes de transformar as situações. Desvinculado do caráter coletivo do trabalho, a busca pelo sucesso individual acompanha a trajetória de cada personagem. Uma vez que é possível examinar como “as organizações mobilizam, instrumentalizam ou descarregam emoções e como a normalização e a distribuição de emoções, por sua vez, organizam e priorizam grupos sociais e participam das relações sociais” (JEANTET, 2017, p. 91, tradução nossa) busca-se compreender como essas emoções são dispostas no seriado diante

de um determinismo político, econômico e social estipulado pela ideologia e estrutura capitalistas.

De modo transversal, prevalece uma visão individualista do trabalho cuja busca de sucesso e reconhecimento perpassa a ambição dos diferentes profissionais. Como observado por Aubenas (2011, p. 47, tradução nossa) sobre a representação dos proletários nos filmes,

a consciência de solidariedade dos trabalhadores, das relações de poder, da luta era levada a cabo por uma classe social coerente e unida. Isto deu lugar a uma atomização de situações onde o trabalho é apenas uma fonte de sobrevivência possível. Cada um por si, com os seus problemas e seus meios.

Assim, a série analisada proporciona algumas reflexões acerca do impacto do trabalho nas relações subjetivas e nos desafios de suas atividades profissionais, bem como nos aportes organizacionais do trabalho na área da saúde mediante tal construção fílmica. Levando em consideração o material analisado, aspectos como a segurança no local de trabalho, a busca por investimentos públicos e privados na área da saúde e o aumento do desemprego são alguns dos possíveis debates.

Recepção em tempos de pandemia do novo Coronavírus (COVID -19)

Esta série, acolhida por diversos meios de comunicação no momento de disseminação do Covid-19, suscita algumas reflexões que devem ser levadas em consideração diante dos impactos econômicos, políticos e sociais na subjetividade do trabalhador que vive um momento de precariedades frente a sua própria condição de subsistência. Disparidades estas em um tempo cuja precarização social do trabalho “revela-se uma estratégia de dominação que atinge a todos os trabalhadores, mesmo que de forma diferenciada e hierarquizada, como parte da dinâmica de desenvolvimento do

capitalismo flexível no contexto da globalização e da hegemonia neoliberal” (DRUCK, 2016, p. 16).

Porém, como os trabalhadores da saúde são descritos na crítica? Como analisar a recepção de uma produção realizada em 2019 que retrata os possíveis efeitos de uma pandemia em um momento onde já sentimos tais consequências em nosso cotidiano? Quais as articulações propostas para o combate a uma pandemia?

O impacto da obra, na rede de sociabilidade que circula tal material audiovisual, expressa os anseios de determinados setores da sociedade em um dado contexto. Neste sentido, aproximações e distanciamentos permeiam a disseminação do conteúdo, de tal forma que as “imagens podem ser utilizadas como meio de acesso a formas de compreensão e interpretação das visões de mundo dos sujeitos e das teias culturais em que eles estão inseridos.” (BARBOSA & CUNHA, 2006, p. 20).

O título (Não parem agora) do último episódio estabelece um diálogo em que a perseverança de um cientista pode ser a esperança daquele que o assiste em sua casa. Em crítica lançada pela revista *Veja* (CARNEIRO, 2020), o público é assim abrandado: “Se até agora você fugiu da série por medo de sair dela mais assustado do que quando deu o play, fique tranquilo: o espectador sai de *Pandemia* é com esperança.” O referido susto não ocorre diante de uma ficção mal assombrada ou de um documentário com os horrores cometidos no passado. Antes, trata-se de um fato presente que afeta toda a sociedade neste instante. O espaço entre aquilo que se experiencia no material representado no audiovisual e a realidade se torna ainda mais evidente.

Para corroborar com a crítica da *Veja*, o jornal britânico *The Guardian* (DELANEY, 2020, tradução nossa) ressalta a força tarefa dos trabalhadores da saúde ao afirmar que

Existem voluntários dando vacinas contra a gripe na fronteira, médicos sobrecarregados que raramente vêem seus próprios filhos, cientistas ambiciosos que procuram vacinas enquanto trabalham fora das grandes indústrias farmacêuticas - tudo isso mostra que pessoas que trabalham em redes consolidadas,

com financiamento decente e a cooperação de governos e cidadãos, podem fazer avanços significativos.

Nesta situação, a complexa relação entre os trabalhadores, as empresas e o Estado, surge, segundo a crítica inglesa, diante de uma pretensa harmonia entre determinadas esferas encoberta pela “cooperação”. Para tal feito, o citado apoio entre governos e cidadãos coloca em evidência certa divisão no seio da sociedade. Separação esta que, “tendo a política relação com o poder, a divisão do trabalho em política não significa nem pode significar outra coisa além da divisão entre governantes e governados, dominantes e dominados” (CASTORIADIS, 1999, p. 73). Logo, a reportagem destaca os desafios dos personagens representados na série (“voluntários”, “médicos” e “cientistas”) partindo da possibilidade do apoio mútuo entre governos e cidadãos. Tal matéria não leva em consideração os conflitos provocados ante a instabilidade em tempos de pandemia e as disrupções, como destaca Castoriadis (ibidem), “entre governantes e governados, dominantes e dominados”.

Todavia, o jornal lusitano Observador (BORGES, 2020) informa que assistir “Pandemia” hoje causa algum medo, “mas também nos deixa importantemente alerta. E inspira pelos notáveis exemplos de profissionalismo e amor de que essa velha e irrefletida humanidade é, afinal, também sempre capaz”.

Os personagens, concebidos como “*the heroes*” pelo *The Guardian* (DELANEY, op. cit., tradução nossa), são construídos como salvadores de um perigo eminente, de modo que esta jornalista relata que ficou “comovida às lágrimas várias vezes - não por medo do que poderia estar vindo para nós, mas pela bondade e dedicação daqueles que trabalham no campo”.

No mesmo sentido, o periódico espanhol *El País* (QUEROL, 2020, tradução nossa) também remonta essa narrativa épica lançada por Netflix ao enunciar que “a série documental segue os heróis que lutam contra o vírus e que nos advertiram algumas vezes de que ia acontecer o que está acontecendo”.

Deste modo, é possível observar como a noção de heroísmo e exemplo de profissionalismo de uma luta do bem (cientistas, médicas, enfermeiros) contra o mal (vírus) é auferida por parte da sociedade. A construção de trajetórias individuais, alternando entre o âmbito privado - das crenças religiosas e a relação familiar - e o “chamado” para trabalhar na área da saúde, consolidam histórias de personagens que se “sacrificam” por um bem comum. Assim,

em muitos filmes, o trabalho é colocado na trama ao lidar com a questão do sucesso profissional. Os heróis apresentam-se como pessoas ambiciosas confrontadas com um mundo do trabalho que vai dar mais ou menos espaço para eles, que os vai reconhecer ou não. O suspense reside então frequentemente na pergunta: “Vai ou não ter êxito”, “O que terá ele/ela de fazer para isso?” (JEANTET; SAVIGNAC, 2012, p. 47, tradução nossa)

De acordo com a recepção analisada, as condições precárias dos trabalhadores representados abrem caminho para uma construção heroica dos personagens entrelaçada por laços religiosos e familiares. Logo, este documentário também abre brecha para uma discussão da precariedade subjetiva do assalariado, que seria, segundo Danièle Linhart (2014, p. 46)

o sentimento de não estar ‘em casa’ no trabalho, de não poder se fiar em suas rotinas profissionais, em suas redes, nos saberes e habilidades acumulados graças à experiência ou transmitidos pelos mais antigos; é o sentimento de não dominar seu trabalho e precisar esforçar-se permanentemente para adaptar-se, cumprir os objetivos fixados [...]

A articulação das relações de angústia, perseverança, amor, temor e sucesso diante de um contexto de pandemia parece fazer parte do cotidiano dos personagens criados ao longo da série.

Diante de um modo de produção marcado pela precarização dos trabalhadores (Cf. DRUCK, 2016), esmiuçar tais representações no audiovisual pode suscitar questionamentos sobre nossas práticas cotidianas.

Considerações finais

A disseminação de séries em plataformas *streamings* aponta para uma abundância de conteúdo audiovisual propagado mundialmente. Ao investigar o fluxo de informações na modernidade, Benjamin (1985, p. 203) alerta que “cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações”. Logo, o material fílmico é apresentado como uma fonte de análise da sociedade da qual o produz. Nesse contexto, as “explicações” presentes no objeto pesquisado encontram-se em constante investigação. Longe de ser uma cópia da realidade, a obra analisada (Pandemia) apresenta pontos de vista de determinadas parcelas da humanidade sobre uma possível situação pandêmica. Lançada antes da eclosão do Covid-19 pelo mundo, a recepção da série pelos meios de comunicação suscita reflexões acerca do papel dos profissionais da saúde que, posteriormente à ampla divulgação do novo coronavírus, ganham novos contornos diante de uma ameaça global.

Desta forma, a sociologia fílmica aplicada a uma investigação do conteúdo audiovisual associada à recepção jornalística pode fornecer evidências de uma dada visão de mundo daqueles que a elaboram - tanto do filme, quanto dos meios de comunicação. Ao colocar tais desdobramentos em evidência, destaca-se uma análise de conteúdo constituída pela revelação de relações de poder que colocam em destaque os dominantes e dominados, governantes e governados.

Tal constatação pode ser observada na representação dos trabalhadores da saúde destacados na série, como é o caso da Dra. Holly Goracke, Dra. Syra Maddad, enfermeira Susan Flis,

Dr. Dinesh Vijay, residente médica Anupriya Aggarwal, Dr. Michel Yao, Dr. Ghazi Kaialy, Jake Glanville (proprietário da Distributed Bio) e Sarah Ives (cientista da Distributed Bio). Por entre a fé da religião e a manutenção da família, tais indivíduos cumprem um “chamado” e são construídos como personagens heróicos ante uma difícil realidade vivenciada no trabalho. A superação dos problemas encontrados em seus cotidianos são retratados por meio de trajetórias individualizantes. Os efeitos da precarização em suas profissões, ressaltados no momento de combate à uma pandemia, são relacionados, pela mídia, distantes de uma percepção que envolve uma disputa entre distintos interesses de classe na sociedade.

Deste modo, a investigação da série “Pandemia” revela os desafios em se pensar a situação dos trabalhadores da saúde por meio do conteúdo audiovisual e sua recepção. Portanto, em tempos cujas relações sociais sofrem profundas transformações, a análise deste trama pretende servir como um objeto de reflexão dos limites e potencialidades de um mundo que encontra-se em constante mutação.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo; GUERREIRO, Clayton. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião & Sociedade**, v. 41, n. 2, 2021.

AUBENAS, Jacqueline. Les corps, les gestes et le paysage, sur le cinéma des frères Dardenne, **Images Documentaires**, Dossier sur « La question du travail », n° 71-72, p. 36-50, 2011.

BARBOSA Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas, v. I – Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BORGES, Alexandre. "Pandemic" - O que podemos aprender sobre vírus e pandemias com esta nova série?. **Observador**, Lisboa, 25 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://observador.pt/2020/02/25/pandemic-o-que-podemos-aprender-sobre-virus-e-pandemias-com-esta-nova-serie/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CAPPELLE, Mônica Carvalho. Alves.; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes.; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 5, n. 1, art. 6, 2003.

CARNEIRO, Raquel. 'Pandemia': série da Netflix é uma ótima aula para tempos de coronavírus. **Veja**, São Paulo, 25 de março de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/tela-plana/pandemia-serie-da-netflix-e-uma-otima-aula-para-tempos-de-coronavirus/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CASTORIADIS, Cornelius. **Feito e a ser feito: as encruzilhadas do labirinto V**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1988.

DELANEY, Brigid. Pandemic: Netflix's new series about global outbreaks is eerily timed, and moved me to tears. **The Guardian**, Londres, 5 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2020/feb/05/pandemic-netflixs-new-series-about-global-outbreaks-is-eerily-timed-and-moved-me-to-tears>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DRUCK, Graça. A terceirização na saúde pública: formas diversas de precarização do trabalho. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 15-43, 2016 .

JEANTET, Aurélie, et SAVIGNAC Emmanuelle. Représentations

du monde professionnel et du rapport subjectif au travail dans les films de fiction français contemporains. **Travailler**, vol. 27, no. 1, 2012.

JEANTET, Aurélie. Quels status des émotions dans le travail?. In Alexis Cukier (Org.). **Travail vivant et théorie critique**. Paris: Puf, 2017.

QUEROL, Ricardo de. 'Pandemic': Netflix lo sabia. **El País**, Madri, 21 de março de 2020. Disponível em: <https://elpais.com/television/2020-03-20/pandemic-netflix-lo-sabia.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

LINHART, Danièle. In ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SÁ, Vinicius Azevedo Guedes de; SILVA, Breno Pires Ramos; VELOSO, Julia Ceolin Silva. **Consumo de mídia durante a pandemia**. Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre, vol 2, no 1, 2020.

SORLIN, Pierre. **Sociología del Cine**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.

TRUFFAUT, François. **O prazer dos olhos: textos sobre cinema**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o 'espírito' do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Filmografia

PANDEMIC: how to prevent an outbreak. Direção: Isabel Castro, Danni Mynard, Doug Shultz, Ryan Mc Garry, Ariana LaPenne. Produção: XG Productions, Netflix, Zero Point Zero Production. Distribuição: Netflix. Estados Unidos da América, 2020.